



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

O veneno

“Vírus, termo que em latim significa veneno, ou agentes infecciosos de múltiplas doenças, são semelhantes às armas, porque geradores de morte. E mesmo quando se descobrem antídotos, desenvolve-se uma guerra sem tréguas para encontrar um vencedor, temporário embora, porque outro vem no seu encalço...”



Hoje não vou falar do novo coronavírus ou do COVID-19.

Porquê? Porque já disse o que tinha a dizer e, pelos vistos, com razão. O assunto é demasiado preocupante e sério, e ultrapassa as minhas simples opiniões.

Deixo isso aos governantes, políticos, médicos, enfermeiros que, perante a invasão avassaladora do “veneno” tomam as melhores decisões para impedir a sua expansão e proteger os cidadãos preocupados com o que lhes pode acontecer, se a doença lhes bater à porta.

O termo científico para o vírus parece-me, todavia muito interessante e relaciono-o com outros que passaram por mim ao longo da vida.

Quando fui militar, habituei-me a ouvir o altifalante da parada chamar pelo soldado/recruta n.º 611169/68 para ir ao telefone. E todos nós que sabíamos o nosso número mecanográfico de cor e salteado, ficávamos com o ouvido à escuta, não fosse aquela a chamada que muito ansiávamos para desanuviar a chata semana chata de exercícios repetitivos destinados a ensinar como combater o IN lá longe, nas picadas das matas da serra do Uíge ou na fronteira do Leste de Angola.

Covid-19 é quase um termo para-militar, semelhante à HK-21 – metralhadora ligeira utilizada pelo Exército colonial português.

Nas aulas ao ar livre, aprendíamos a desconjuntar esse equipamento para o caso de, em operações no mato, o sabermos reparar. Como se fosse possível a um pelotão, em missão pelas

frondosas florestas angolanas, transportar uma oficina e um mecânico para recuperar armamento avariado, após uma emboscada!...

As G-3 eram mais fiáveis – dizia o instrutor e dificilmente deixavam mal um combatente. Nunca me vi em tais apuros, - dou graças por isso! - mas era o que se ouvia na caserna.

Nesses tempos de mancebo, os instrutores compraziam-se em explicar o funcionamento dos RPG2 e RPG7 – lança-rockets – sem permitirem que qualquer recruta ousasse experimentar o seu alcance. Se tal acontecesse, corria-se o risco da cidade de Nova Lisboa ficar deserta com o seu estrondoso sinal de guerra.

Um dia, o tema era o SPG-82, um canhão sem recuo só transportável em viatura devido à sua grande dimensão. O exemplar que nos foi apresentado jazia na arrecadação militar. Nunca fora usado, não fizera moléstia a ninguém e não se enquadrava na estratégia de ataque da guerrilha na mata. Pintado de verde escuro, cor da selva, aquele bicho enorme estava meticulosamente polido com óleo anti-ferrugem, como se de grande obra de arte se tratasse... Provavelmente, só mais tarde foi usado na guerra urbana que, durante largos anos, ceifou, sem apelo nem agravo, vidas e cidades angolanas.

Outro espécime militar que fez parte das aulas da Escola de Aplicação Militar de Angola (EAMA) foi a UZI m/961, pistola metralhadora em fim de vida, mas que fora também um veneno bélico.

A minha convicta oposição à guerra colonial, recusava tudo quanto fosse destruição e morte,

pelo que não me recorde sequer de ter tocado em objeto tão odioso. E se refiro mais alguns como: o Jeep m/44, o UNIMOG usado também para reabastecimento e transportar sacos de café dos negros para o mercado, no fim da guerra colonial, ou as Berliet Tramagal, é sobretudo para recordar peripécias que não provocaram acidentes e mortes, porque “deus não foi servido”...

É que a guerra tem efeitos muito mais perniciosos que qualquer vírus que paira por aí sem darmos conta e afeta gravemente as nossas vidas.

Por que é que ambos tem aquelas designações e números, e não outros? Só os entendidos sabem explicar.

O certo é que o catálogo dos equipamentos militares e dos vírus é infindável. Uns e outros, apesar dos combates incessantes para os liquidarem, não cessam de surgir e de ser uma ameaça constante à tranquilidade humana.

Vírus, termo que em latim significa veneno, ou agentes infecciosos de múltiplas doenças, são semelhantes às armas, porque geradores de morte. E mesmo quando se descobrem antídotos, desenvolve-se uma guerra sem tréguas para encontrar um vencedor, temporário embora, porque outro vem no seu encalço...

A humanidade, nos dias que correm, preocupa-se mais com os efeitos do Covid-19 do que com a produção de armamento militar que mata de fome, diariamente, 25 mil crianças em países do terceiro mundo e em campos de refugiados.

Nos meus tempos de tropa, o IN era o vírus (veneno) indesejável que a força das armas em vão tentou destruir, como reza a história militar portuguesa.

Passado meio século, vimo-nos confrontados com outras doenças e guerras, e a paz continua uma aspiração adiada.

No poema “Balada da Neve”, Augusto Gil interroga-se sobre o tormento de tantas crianças atacadas pela fome e pela doença:

*“Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dáis tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...”*

Vivemos, cada vez mais, num mundo de incertezas, onde as doenças e as guerras andam de braço dado e infetam, impunemente, todos os povos.